ANO 12.º — Sexta-feira, 28 de Fevereiro de 1919 — Numero 562

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O nosso aniversario

—(*)—

Embandeira hoje em arco, o *Democrata*. E' a alegria de todos os anos, pela data em que este modesto batalhador conta mais uns mezes de existencia.

O *Democrata* entra hoje no 12.º ano da sua publicação, com esta inapagavel e honrosa caracteristica: está no mesmo logar onde surgiu a 22 de fevereiro de 1907.

Republicano de sempre, colocando esse Ideal acima de todos os homens e de todas as cousas, toda a sua tarefa, a mais empenhada, tem sido em manter bem alto o respeito e a veneração a esse grande principio, sem o que continuaremos a ser observadores do triste e deprimente espectaculo que os partidos, ha oito anos a esta parte, teem produzido em volta das instituições.

E' preciso, é absolutamente indispensavel suprimir duma vez todos esses processos politicos que a dentro da Republica se tem exercido e que mais não são do que a continuação daqueles que a monarquia usou em toda a sua vida de crapula e de miseria administrativa.

A Republica tem de ser colocada e religiosamente mantida dentro dos principios em que se baseia.

A Republica tem o seu evangelho, que é a Lei, cabendo aos republicanos o indeclinavel dever de o observarem no maximo das suas prescrições e detalhes.

Tudo que não seja isto, tudo que não seja voltar ao esforço, á dedicação, ao respeito que nos deu a estrondosa e brilhante vitória de 5 de Outubro de 1910, será voltar atraz, retroceder e capitular vergonhosamente ante os olhares dos nossos declarados inimigos.

Da amalgama de erros, do labirinto de paixões, do tumultuar de odios, dos choqués continuos de desmedidas vaidades e incalculaveis ambições, foi que nasceu a revolução de 5 de Dezembro e, em seguida, toda a série de acontecimentos que teve por epilogo a traição de 19 de Janeiro.

Vê-se agora a razão que nos assistia quando duramente combatiamos a entrada de todo o *refugo* dos extintos parti os monarquicos para os logares da mais alta responsabilidade e confiança das instituições republicanas, guindando-os ás cadeiras do poder, transformando-os em árbitros do regimen, como se de aí nenhum perigo para ele adviesse.

Foi este, por sinal, um dos pontos que mais calorosamente atacámos, porque, além do mais, implicava o abandono, o ostracismo a que eram lançados os velhos, os leaes, os devotados republicanos de sempre!

A algema gente, porêm, esta atitude independente, esta politica de resistencia, mantida, em exclusivo, a dentro dos bons principios, no desejo ardente do engrandecimento da Republica, não agrada. Sobretudo, os pequenos de espirito, os sectaristas, que não admitem mais do que o aplauso tacito a toda a obra—bôa ou má—dos seus deuses ou sejam os seus chefes, não a compreendem.

Assim, temos sido apodados, entre várias designações, de *monarquicos*, (!) havendo ultimamente quem pensasse em violencias como meio de desagravo á Republica *ofendida e traída* por este jornal, que, todavia, esses mesmos imbecis, não consideram manchada, acamaradando com os peores elementos que hoje constituem, quasi em exclusivo, os organismos partidarios.

O nosso caminho, porêm, comprovado com a nossa acção de 11 anos feitos, está traçado; a nossa divisa consagrada—a Republica acima de tudo!

E' uma só voz e um só grito, com a mesma comovida audacia, com o mesmo apaixonado impeto.

Todavía, se de todos os erros, de toda a desordem, de todas as convulsões tende a surgir uma éra nova para Portugal—generoso, abençoado o sangue que se tem vertido.

A hora é de paz e de concordia

No céo, que cobre a Patria Portuguêsa, faisca uma estrela de esplendor imortal! As suas scintilações condizem e misturam-se com o palpitar de milhares de corações que aspiram o mesmo fim, anseiam pela mesma causa.

Despogemo-nos de todas as paixões e esforcemo-nos para que as grandes massas das populações partidarias se fundam, libertas de idolos e de personalismos, num só partido, num só blóco, em luta aberta e exclusiva pela purêsa da Republica, na sua acção, na sua obra, nos seus efeitos!

Tudo que não seja isto, é uma traição bem mais infame do que aquela que os bandidos monarquicos ha pouco praticaram.

Vâmos.

E' a este principio que *O Democrata* continua subordinado, serena e confiadamente, sem receios nem temores, de bem com a sua consciencia, em harmonia com a sua razão.

E assim vai encetar o seu 12.º ano, saudando a Republica e com ela todos quantos o teem acompanhado na santa cruzada em que se ha empenhado para sua dignificação.

Se não a concebemos de outra maneira...

O CONGRESSO

—(*)—

Como consequencia da revolução, acaba de ser dissolvido o Congresso da Republica e restabelecida para todos os efeitos a Constituição politica de 1911.

Os colégios eleitoraes convocaos o governo para 13 de abril, sendo conferidos aos novos representantes da nação plenos poderes para reverem e introduzirem o principio da dissolução parlamentar naquele diploma, á volta do qual tanto barulho se tem produzido.

Pela Republica!

Assim intitulado, recebemos hoje um manifesto onde se fazem acusações ao professor primario Rodrigues Pepino, recomendando-o ao sr. Ministro da Instrução.

Está tudo muito bem, mas falta uma coisa ao *grupo de republicanos* que o subscreve: é assinarem com os seus nomes proprios, tomando a responsabilidade do que anonimamente lançam a publico.

Pela Republica não se luta de mascara; luta-se, sim, como nós, de cara descoberta e com lealdade.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Luz.*

Um documento

Sob a epigrafe—*A' nação*—o sr. dr. Bernardino Machado que, como se sabe, foi expulso do país a quando do triunfo da revolução de dezembro de 1917, fez agora publicar outro documento, que diz assim:

Ao povo português, que, pelo seu formidavel levantamento em Lisboa e Porto, nas cidades e nos campos, tão eloquentemente acaba de confirmar a sua indefectivel fé republicana—da qual nunca duvidei nem um só instante—cabe o pleno direito, após a revolução, de se pronunciar formalmente sobre o pronto restabelecimento da normalidade governativa, sem que nenhuma anterior delegação sua o embarace. Venho, pois, com a mais enternecida comoção de orgulho patriotico, depôr fielmente, perante a sua soberania, o mandato presidencial que, em 6 de agosto de 1915, tive a honra de receber da confiança dos seus dignos representantes, e que, atravéz de tantas inquietações e anciedades, procurei sempre zelar com escrupulosa inteireza constitucional e internacional.

Sob a minha presidencia, tomámos corajosamente, como nação livre e independente, o nosso posto nas linhas de defêsa do direito das gentes contra a brutal irrupção do imperalismo teutonico; e, se não houve dôres e amarguras que por isso não sofressemos, de tudo nos devemos dar hoje por sobejamente compensados. Graças ao valor heroico do nosso povo, que nada já póde desluzir, a nossa intervenção na guerra abre-nos rasgadamente de par em par, as portas do futuro. O mundo olha-nos com respeito, e só de nós, da nossa inquebrantavel solidariedade, em volta da bandeira da Republica, depende que o grande Portugal reviva.

Paris, 18 de fevereiro de 1919.

Bernardino Machado

Consta que o ex-presidente da Republica regressará dentro em bréve a Portugal e com ele outros politicos em evidencia.

Se a lição lhes aproveitou—sejam bemvindos!

JOÃO PENHA

Quasi esquecido, morreu ultimamente este ilustre poeta português, cujas producções fizeram, por vezes, verdadeiros sucessos de livraria.

Contava perto de 80 anos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Duelo de morte

Dizem de Arouca, que, na visinha freguesia do Bargo, dois rapazes, novos ainda, um de 20 e outro de 27 anos, se envolveram em desordem.

Brigaram primeiro. Mas como a luta corpo a corpo nada resolvesse, deliberaram, por fim, sacar cada qual da sua pistola e com tanta certêsa as desfecharam que dentro em pouco estavam ambos caídos por terra, banhados em sangue, mortalmente feridos.

O acontecimento causou a mais viva emoção, sendo os cadaveres dos duelistas acompanhados ao cemiterio por centenares de pessoas das suas relações e amisade.

"O Democrata"

Com este numero conta mais um ano na sua acidentada existencia, atravéz de muitas vicissitudes, sem o minimo desvio da sua inquebrantavel linha de conduta.

Republicano apaixonado e sincero no periodo mais acêso e revolto da politica portuguêsa, nos ultimos tempos da monarquia, este periodico deu na vista pelo desassombro e galhardia com que terçou armas em defêsa do ideal republicano, não sucumbindo nunca perante obstaculos e dificuldades com que os seus acirrados inimigos procuravam inutilisa-lo. Desses assaltos, que certos quadrilheiros tantas vezes lhe prepararam, soube ele tirar elementos de estimulo para se imiscuir em novas lutas em que se houve sempre duma maneira correcta e intemerata, criando em volta de si um ambiente de simpatia e admiração que até hoje, inalteravelmente, tem mantido.

Assim se aguentou, á mercê de uma vida agitada até 5 de Outubro de 1910, em que logrou a suprema ventura de vêr convertido em realidade o seu ansiado ideal—a implantação da Republica.

A dentro das novas instituições, sem que o desnorteasse o triunfo das suas crenças politicas, nunca na sua linha de conduta surgiu qualquer sinuosidade que ofuscasse o seu horisonte sempre limpo e desanuviado. E desde então até hoje a sua lealdade e ardor de convicção em defêsa do regimen republicano, mantem-se atravéz de tudo, mesmo quando se viu na necessidade de abordar muitos assuntos de interesse local, os mais gráves e espinhosos, deixando nesses rudes prélios afixados os seus inimigos ao pelourinho da publica execração. E desses renhidos pugilatos, em que tantas vezes entrou, nunca a poeira deles se ergueu tão alto que embaciasse o brilho das suas armas de combate a que prestavam toda a autoridade a sua inquebrantavel energia e coerencia.

Surgiu a revolução de 5 de Dezembro, que foi recebida pela maioria do país como uma táboa de salvação para a Republica. O governo que representou esse movimento era constituido por antigos e dedicados republicanos, e essa sublevação mais não foi do que a resultante, muito logica, dos erros acumulados durante alguns anos de Republica e em que o descredito de uns e o desânimo de outros tinham anulado, por completo, a esperança de mudar o rumo trilhado pelo partido que pela força das circunstancias prometia eternisar-se no poder.

Este jornal, que, desde a sua fundação, foi sempre duma grande independencia e altivez dentro das fileiras democraticas, acatou com benevola expectativa a politica iniciada pelo dezembrismo, no que nela havia de fundamentalmente republicana, com um soberano desprezo pelas murmurações azedas dos que se adstringem ao estupido e ilogico critério de que a disciplina partidaria consiste apenas em comungar cégamente na idolatria dos chefes, quando esta, no seu mais elevado conceito se resume na liberdade de acção e de critica, das ideias e de factos que um partido corporisa e em que os seus peoneiros e mentores se alguma coisa valem, é só pelo quinhão de ideias que representam e nada mais.

Postas as coisas neste pé e livre das peias dum sectarismo intolerante que tem, até hoje, sido o mal que ha pervertido e inutilisado os partidos republicanos para uma iniciativa fecunda de paz e trabalho, este jornal, ao fim de oito anos de Republica, tem a anima-lo o mesmo ideal com que nasceu e reforçado pelas lições da experiencia, continuará com mais ardor na luta, profligando, sem desfalecimentos, os inimigos de toda a casta, republicanos e monarquicos, que, norteados pelo critério erroneo, por exclusivista, entendem para si que fóra da sua igrejinha politica não ha salvação possivel. São destes combatentes que nós hoje, mais do que nunca, precisâmos, e por isso muito sinceramente felicitâmos o *Democrata*, desejando uma longa vida ao denodado batalhador.

S.

Governador Civil

Deixou a chefia deste distrito o sr. dr. José da Costa Pinheiro, não se sabendo ainda, ao certo, quem o virá substituir.

A HORA LEGAL

A partir de hoje, ás 24 horas, deverão os relogios ser adiantados 60 minutos, observando-se assim a legislação ainda em vigor.

Alferes Brito

—(*)—

Prisão dos ministros monarquicos

Subordinado ás epigrafes, recortamos da edição de terça-feira da semana passada, do *Jornal de Noticias*, do Porto:

Foi das mais inteligentes e energicas, a acção do distinto oficial da administração militar, Alfredo Cesar de Brito, em todo o movimento preparado no Porto para derrubar a monarquia de Paiva Couceiro.

Chefe dum grupo civil, de que tambem faziam parte soldados da guarda fiscal e da administração militar, foi preso no dia 24 de janeiro e encerrado no Aljube.

No dia 13, feito o cêrco á Bastilha da monarquia pela guarda republicana e civis, e libertados os presos, o valente republicano, ali mesmo arma alguns presos politicos com o armamento da policia, apresentando-se imediatamente no quartel general, já em poder dos republicanos, a receber ordens.

Dali foi imediatamente assaltar o Hotel Universal—o famoso Paço de Belem—para onde se dirigiu debaixo do fogo que ainda se crusava violentamente com o *Eden-Teatro* e, entrando no Hotel, aprisionou os ministros da monarquia visconde do Banho e dr. Luiz de Magalhães e o capitão de cavalaria sr. Sá Guimarães, comandante da coluna realista de Mirandela, ainda doente do ferimento que recebera no combate de Murça.

Estes senhores entregaram-se logo á prisão e perguntando então o capitão snr. Sá Guimarães, se seria enxovalhado, respondeu-lhe o alferes Brito que um oficial republicano nunca consentiria que fôsse enxovalhado quem quer que estivesse sob a sua guarda.

Aquele oficial afirmou então que tambem já tinha sido republicano e como ao entrar num automovel requisitado para conduzir os presos, o povo levantasse estridentes vivas á Republica, o oficial prisioneiro respondeu energicamente:

— Viva a Republica! Pois porque não ha-de a Republica viver?

Acompanhados á casa de reclusão, voltou, no regresso, ao Hotel Universal passar uma busca nos aposentos ocupados pelos ministros monarquicos, encontrando já ali um oficial reunindo vária papelada.

O destemido alferes Brito intimou-o a acompanha-lo ao quartel general com a papelada junta, onde o oficial ficou preso e a papelada apreendida.

No dia imediato foi ainda o dedicado republicano incumbido de procurar e prender o conde de Azevedo e como soubesse que este senhor se havia refugiado no consulado espanhol, ali se dirigiu, pedindo a sua entrega, dizendo o vice-consul que o chefe realista se não encontrava ali. O alferes Brito respondeu que saía convencido do contrario, por motivos que lhe asseguravam, e de

facto, pouco depois, o sr. conde de Azevedo era apresentado no quartel general pelas autoridades do consulado.

Eis, em resumo, a acção importantissima do brioso alferes Brito, a quem se deve a prisão dos unicos ministros da monarquia, que se encontram detidos. O nosso amigo sr. alferes Brito já se havia distinguido pela sua inteligencia e bravura na campanha de Africa.

Desvanece-nos sobre maneira esta referencia dum dos mais importantes diarios do norte ao alferes Brito, que, alêm de ser um aveirense de merito, como mais uma vez teve ensejo de se revelar, é filho dum dedicado amigo nosso, a quem acompanhâmos, nesta hora de jubilo, na intima satisfação de que deve estar possuido.

Aniversarios funebres

Os dias 5 e 21 de fevereiro são duas datas impagaveis porque nelas se registam os passamentos de dois dedicadissimos republicanos aveirenses, como eram Francisco Antonio de Moura e Sertorio Afonso.

Na fórma do costume, o *Democrata* comemorou-as, distribuindo a quantia de 7$50, que lhe foi enviada pelo snr. José Ferreira Pinto Junior, acreditado droguista do Porto, por 15 pobres, seus protegidos, os quaes constam da seguinte relação:

Elvira de Matos, Rua Miguel Bombarda; Paula Rebelo, idem; Maria Inocencia, idem; Custodia Porteira, idem; Adelaide Vilaça, Rua do Sol; Fernanda da Encarnação, idem; Justa Salgueiro, Olarias; Maria Joana, idem; Maria Beata, R. de St.º Antonio; Maria Chicharrinho, idem; Maria do Carmo Rocha, R. de St.ª Catarina; Violanta de Jesus, R. da Corredoura; José Gadancho, R. de S. Martinho; Esmenia Peixinho, Rua da Arrochela e Rosa Gouveia, R. da Fonte Nova.

Em nome dos contemplados, o sincéro reconhecimento ao sr. Pinto Junior.

* * *

Hoje passa egualmente o 8.º aniversario do falecimento de Augusto de Brito, cuja saudosa recordação o tempo ainda não conseguiu desvanecer, antes cada vez mais aviva e avoluma.

Acompanhamos todos os seus no luto deste dia.

SUICIDIO

Raras vezes a cidade é emocionada por factos da ordem daquele que, resumidamente, vamos narrar.

Georgina de Oliveira, de vinte anos, filha do sr. Isaias de Oliveira, construtor civil, era atualmente serviçal em casa do snr. João Campos da Silva Salgueiro. Ha tempos servira em casa do snr. Manuel Cristo, donde fôra despedida com mais outras duas criadas, por motivos que não veem ao caso, tanto mais que depois se apurou não ter ela responsabilidade na causa determinante dessa despedida.

Uma falta, porêm, praticou então, levada por um destes momentos de fraqueza que póde acontecer a qualquer mortal.

O facto foi conhecido por uma sua companheira, que mais tarde a denunciou, e descoberta ela, junto com outros desgostos de familia, tão profunda impressão causou no espirito da infeliz Georgina, que no passado domingo, ao cair da noite, se dirigiu á margem da ria, em frente do deposito do petroleo, e ali se precipitou á agua, donde na terça-feira foi retirado o seu cadaver.

Conheceu-se da resolução desgraçada da pobre rapariga, devido a deixar o chaile junto ao local, seguro com algumas pedras, chaile que José Maria Saramago encontrou na madrugada de segunda-feira, quando se dirigia ao trabalho.

De resto, a infeliz não deixára vêr a sua tresloucada resolução a ninguem.

Lamentando o triste acontecimento, enviâmos os nossos sentimentos á familia enlutada.

De fugida...

—=(*)=—

UM DIA NO PORTO

Domingo passado, a participação numa brilhante festa que o nosso querido amigo e distinto colaborador Humberto Beça, realisou na casa da sua residencia, no Porto, comemorando o triunfo da Republica e a parte que nele tomou seu cunhado, o alferes da administração militar, Alfredo Cesar de Brito, a quem noutro logar aludimos, levou-nos até áquela cidade, onde pudemos, *de visu*, observar, não só todos os estragos, em vários pontos, como ainda constatar com o nosso exame, as barbaridades crueis, infligidas em numerosos individuos, nossos correligionarios, como o ex padre Camilo de Oliveira, que, assistindo á festa, nos contou a sua odisseia de inegualavel martirio, mostrando-nos todos os vestigios das barbaridades nele cometidas, e que envergonhariam os algozes da Inquisição e os selvagens da Hotentotia!

A cabeça apresenta várias feridas produzidas a vergalhadas de cavalo marinho; as mãos, onde, sobre os dedos, lhe foram aplicadas vergastadas, não as póde fechar, e as unhas, que hão de caír, estão todas negras, esmagadas; o dedo minimo da mão esquerda recebeu tão furiosa pancada que, partindo, a articulação que o liga á palma da mão foi enterrado por esta dentro, achando se agora sem acção nem sensibilidade, apezar de operado. O corpo é um santo sudario, todo traçado de vergões negros. Alêm disso está quasi surdo e ainda impreciso nos movimentos, por clara fraquêsa cerebral, a que deu origem o traumatismo violento das pancadas recebidas.

Um verdadeiro horror!

Camilo de Oliveira, num discurso que pronunciou, resumindo a narrativa do seu martirio, acabou dizendo que quando da terceira sova que lhe aplicaram, uma vez no chão, coberto de sangue, o beijou algumas vezes porque bem sabia que era o sangue do sacrificio pela causa que havia de triunfar, como triunfou!

Não podemos traduzir a impressão profundamente comovedora que avassalou todas as pessoas presentes, tal a firmeza e serenidade com que se referiu a essas atrocidades.

E' que, para se amar a Republica, é preciso senti-la no coração e no cérebro e só pódem traze-la consigo aqueles que, como Camilo de Oliveira, lhe teem dado tudo sem todavia receberem nada. Porque Camilo de Oliveira, tendo sido um denodado batalhador por o ideal republicano, pertence ao numero dos que foram postos á margem para dar entrada aos adventicios, aos *adesivos* que em barda invadiram a Republica pela porta travéssa dos partidos, pervertendo-a e creando-lhe um sem numero de dificuldades.

Mas ha mais, muito mais, de barbarismos e violencias praticadas.

No *Eden*—casarão que a *Junta Governativa* mobilisára para martirio dos republicanos—eram constantemente aplicados castigos aos desgraçados que ali davam entrada. Havia o preto que, após as refeições dos presos, lhes marrava no estomago, forçando-os, pela dôr e pelo abalo, a vomitar a comida; havia a micção diaria dentro da bôca de determinados; havia a pratica das maiores baixesas e sevicias nas pobres mulheres que conduziam as refeições ás pessoas de familia encarceradas; havia os insultos, os vexames, as violencias de toda a ordem e havia ainda a tortura inédita de serem conduzidos para o palco grupos de individuos a quem os algozes comunicavam que iriam ser fuzilados, achando-se para isso na plateia os *trauliteiros* armados de espingarda para a execução. Forçados a voltar as costas para os executores, num silencio tragico e pavoroso, mantinham se assim, durante horas, os desgraçados, esperando o momento da descarga que lhes havia de dar a morte!

Unico, como tortura moral.

Lá estavam, tambem, no Aljube, as barricas de alcatrão e enxofre que deveriam ser queimadas quando as forças republicanas forçassem a entrada da cidade! E o mais, e o mais que o pouco espaço de que dispômos nos obriga a omitir.

Entre os convivas da festa que referimos, estava o snr. Raul Tamagnini Barbosa, que, ao *dessert*, bebeu pelas prosperidades dos filhos de Aveiro, de quem recebera as maiores provas de estima e solidariedade, pedindo-nos que fossemos o portador das suas palavras de carinhoso afecto e agradecimento.

Elas aqui ficam, cumprindo assim os seus desejos.

Humberto Beça brindou pelo *Democrata* e ao seu director. Muito lhe agradecemos a deferencia e pois que não nos foram indiferentes as horas de verdadeira tortura que o seu espirito devia ter experimentado nos dias tragicos decorridos sob o despotismo cruel dos bandidos que se denominaram *Junta Governativa do Porto*, com a *Guarda Real dos Trauliteiros* por defensora, aqui lhe testemunhamos toda a nossa estima, felicitando-o por se não achar incluido no numero das vitimas de tanta infamia.

Notas mundanas

Tendo sido nomeado director da agencia do Banco de Portugal em Leiria, partiu para aquela cidade o sr. Guilherme Pinto, nosso conterraneo.

== Foi passar alguns dias á capital, o sr. José Moreira Freire.

== Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do nosso amigo snr. Antonio Dias Pereira Junior, a quem por esse facto felicitâmos, desejando á neofita um ridente porvir.

== Com curta demora veio ao norte, tendo passado um dia em Aveiro, sua terra natal, o digno empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro, sr. Justino Costa.

== Fez anos na passada segunda-feira, o sr. José Antonio Pereira da Silva. Felicitações.

PENDENCIA

—=(*)=—

Solicitam-nos a publicação dos seguintes documentos:

Documento n.º 1

Aveiro, 17—2—919

Ex.mos Srs. Dr. André dos Reis e major de infanteria 24 Antonio Machado

Tendo lido ontem, numa local do jornal *O Democrata*, de 14 do corrente, que transcreve uma entrevista concedida pelo Ex.mo Snr. governador civil deste distrito, dr. Costa Pinheiro, a um representante do *Jornal da Tarde*, de 4 e 5 do corrente, frases em que sou atingido e ofendido nos meus brios de oficial, recto cumpridor de todos os deveres militares, venho solicitar de V. Ex.as se dignem procurar o referido Snr. e exigirem dele a declaração formal e por escrito, de que aquelas frases se não entendem comigo, ou uma reparação pelas armas.

Dando plenos poderes a V. Ex.as para tratarem deste assunto e resolve-lo de fórma que a minha honra fique ilibada, desde já fica muito grato o que se subscreve com a mais subida consideração

De V. Ex.as

at.º ven.º e mt.º obg.º

(a) *Carlos Baptista Gonçalves Guimarães*

Documento n.º 2

ACTA N.º 1

Aos desesete de Fevereiro de mil novecentos e desenove, neste edificio do Governo Civil, sendo dôse horas e trinta minutos, comparecemos nós, abaixo assinados, na qualidade de delegados e mandatarios do Exm.º Sr. Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, tenente-coronel do regimento de cavalaria numero oito, aquartelado em Aveiro, a fim de exigir do Exm.º Sr. Dr José da Costa Pinheiro, governador civil deste distrito, a declaração formal, e por escrito, de que as palavras da sua entrevista concedida, em Lisboa, a um representante do *Jornal da Tarde* e neste periodico publicada em quatro e cinco do corrente, e cuja transcrição foi feita em o semanario aveirense *O Democrata* de catôrse do corrente tambem, não se entendem com o nosso constituinte ou exigir do mesmo Exm.º Snr. Governador Civil uma reparação pelas armas. Tendo procurado aqui S. Ex.ª não o encontrámos, sendo informados de que se achava ausente em logar desconhecido. Pelo que, mantendo o soléne protesto de exigir do Exm.º Snr. Governador Civil a mencionada declaração ou reparação pelas armas a fim de que fique inteiramente ilibada a honra do nosso constituinte, lavrámos a presente acta que solâmos com a nossa honra.

(aa) *André dos Reis*
Antonio de Moraes Machado

Documento n.º 3

Meu Exm.º Am.º Sr. Tenente-coronel de Cavalaria n.º 8, Carlos Baptista Gonçalves Guimarães

No desempenho do honroso mandato que nos conferiu, procurámos hoje, por 12,30, no Governo Civil, o Exm.º Snr. Dr. Costa Pinheiro, sendo-nos impossivel fazer junto de S. Ex.ª a exigencia de cabais explicações ou de reparação pelas armas por estar esta autoridade em logar que se ignora, como informou o Exm.º Sr. Dr. Joaquim de Melo Freitas, meritissimo secretario geral.

Voltando de novo áquela repartição a inquirir do paradeiro do chefe do distrito, isto por 16 horas, a informação foi a mesma: — é desconhecido o seu paradeiro.

Serviço publico, urgente, reclama o meu comparecimento fóra de Aveiro, sendo possivel me demore alguns dias.

Por tal motivo, e só por ele, permita que deponha em suas mãos o mandato conferido e a acta que lavrámos.

Creia me sempre

De V. Ex.ª

am.º af.º obrg.º

Aveiro, 17—2—919

(a) *André dos Reis*

Documento n.º 4

Aveiro, 18—2—919

Exm.º Sr. Dr. Alberto Souto

Procurei V. Ex.ª ontem, para juntamente com o Exm.º Sr. Major de infanteria 24 Antonio Machado, se avistarem com o Exm.º Sr. governador civil deste distrito, Dr. Costa Pinheiro, com o fim de exigirem dele, e por escrito, a retratação completa de umas palavras que se encontram escritas no jornal *O Democrata* (ultimo numero) e que são transcritas do *Jornal da Tarde* de 4 e 5 do corrente, palavras estas que eu julgo atentatorias da minha dignidade, ou uma reparação pelas armas, e não encontrando V. Ex.ª deleguei no sr. dr. André dos Reis essa missão.

Aqueles snrs. não se puderam desempenhar da sua missão porque o Ex.mo Sr. Dr. Costa Pinheiro não estava na localidade, como V. Ex.ª poderá verificar pelos documentos juntos.

Como o Exm.º Snr. Dr. André dos Reis não póde proseguir na pendencia, por motivo de ausencia para fóra da localidade em serviço publico, o que V. Ex.ª reconhecerá na leitura dos mesmos documentos, venho solicitar a V. Ex.ª a subida finêsa de substituir o Exm.º Sr. Dr. André dos Reis no proseguimento deste assunto, para o que dou a V. Ex.ª plenos poderes.

De V. Ex.ª

at.º ven. e mt.º obg.º

(a) *Carlos Baptista Gonçalves Guimarães*

Documento n.º 5

Exm.º Sr. Dr. José da Costa Pinheiro

Tendo recebido do Exm.º Snr. Tenente-coronel Carlos Baptista Gonçalves Guimarães o encargo de continuar junto de V. Ex.ª as diligencias já ontem empregadas pelo primeiro sinatario de esta carta e pelo Exm.º Sr. Dr. André dos Reis, a fim de ilibarmos a honra de aquele Exm.º Snr., que se considera ofendido pelas expressões de V. Ex.ª, insertas no *Jornal da Tarde* e transcritas pelo *Democrata*, procurámos hoje V. Ex.ª no seu gabinete e repartições do Governo Civil de Aveiro ás dôze horas. Como o Exm.º Snr. Dr. Joaquim de Melo Freitas, ilustre secretario geral, nos informasse de que V. Ex.ª estava ausente, desconhecendo o local onde se encontrava e a hora ou dia de regresso a esta cidade, donde havia saído, resolvemos deixar a V. Ex.ª, confiada ao Exm.º Sr. Dr. Melo Freitas, a presente carta em que solicitâmos de V. Ex.ª uma declaração formal de retratação das afirmações feitas ácerca da atitude do Exm.º Sr. Tenente-coronel Carlos Baptista Gonçalves Guimarães nos acontecimentos de 29 de Janeiro nesta cidade, afirmações que ofendem o nosso constituinte na sua honra de homem e de militar ou uma reparação pelas armas.

Aveiro, 18 de fevereiro de 1919.

(aa) *Antonio de Moraes Machado*
Alberto Souto

Documento n.º 6

Exm.º Sr. Dr. Joaquim de Melo Freitas

Aveiro, 18 de Fevereiro de 1919.

Tendo procurado no edificio do Governo Civil de Aveiro, o Exm.º Sr. Dr. José da Costa Pinheiro, fômos por V. Ex.ª informados de que S. Ex.ª se não encontrava na cidade e se ausentára sem que V. Ex.ª nos podessé informar do local onde poderiamos encontrar aquele Exm.º Snr.

Assim, pedimos a V. Ex.ª a finêsa de fazer chegar ás mãos do Exm.º Snr. Governador Civil Dr. Costa Pinheiro a carta junta que confiâmos á guarda e honra de V. Ex.ª, pedindo se digne tomar nota desta nossa deligencia.

Com muita consideração sômos

De V. Ex.ª

mt.º at.os ven. obg.os

(aa) *Antonio de Moraes Machado*
Alberto Souto

Documento n.º 7

Exm.os Srs. Antonio de Moraes Machado e dr. Alberto Souto

Nunca fiz quaesquer declarações ou referencias que pudessem melindrar o snr. Tenente-coronel Carlos Baptista Gonçalves Guimarães e muito menos se me pódem atribuir afirmações que, como se diz na carta de V. Ex.as, ofendam a sua honra de homem e de militar, o que não está nos meus habitos nem na minha educação.

As expressões insertas numa entrevista publicada no *Jornal da Tarde*, de Lisboa, e transcritas, segundo V. Ex.as me informaram, no *Democrata*, de Aveiro, não se referem a S. Ex.ª o Snr. Tenente-coronel Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, em quem nem sequer eu pensava, pois o comandante militar de Aveiro, segundo as informações que eu tinha, não era S. Ex.ª.

Aclarada assim a verdade, repito a V. Ex.as que nessa entrevista—que é sempre uma entrevista—não ha expressões nem afirmações menos delicadas ou menos honrosas para ninguem.

Aveiro, 19 de fevereiro de 1919.

(a) *Costa Pinheiro*

Documento n.º 8

ACTA N.º 2

Aos vinte de fevereiro de mil novecentos e desenove, no escritorio do segundo dos signatarios, nesta cidade de Aveiro, reunimos nós, que abaixo assinamos, como representantes do Exm.º Snr. Tenente-coronel Carlos Baptista Gonçalves Guimarães, comandante do regimento de cavalaria numero oito, para apreciarmos a resposta que á nossa carta de desoito do corrente se dignou dar o Exm.º Sr. Dr. José da Costa Pinheiro, governador civil deste distrito.

Ponderando as afirmações e explicações deste Exm.º Snr., sômos de opinião que a honra do nosso constituinte se acha completamente ilibada, não havendo motivo para proseguimento da pendencia que por esta fórma encerramos.

Aveiro, 20 de fevereiro de 1919.

(aa) *Antonio de Moraes Machado*
Alberto Souto

Por falta absoluta de espaço sômos coagidos a retirar, á ultima hora, vária composição e entre ela o artigo do nosso ilustre colaborador Humberto Beça—*O «rcino» do Porto.*

NECROLOGÍA

Dr. Inácio Brandão

Na sua magnifica vivenda de Alhavaite, concelho de Arouca, finou-se ha dias o snr. dr. Inácio Brandão de Vasconcelos, vulto do maior prestigio do regimen deposto, a quem, além doutros importantissimos beneficios, devem os seus conterraneos a libertação do onus pesadissimo dos fóros que os escravisavam ao dominio do convento.

Possuia um caracter impoluto e foram tão relevantes os serviços prestados, sem interesse, ao concelho de Arouca, que a sua memoria jámais a esquecerão aqueles que o tinham na conta dum grande advogado, dum grande homem de bem.

Joaquim Gandra

Vitimado por uma lesão cardiaca, tambem faleceu no dia 5, em Oliveira de Azemeis, o sr. Joaquim Bento Pereira Gandra, antigo escrivão de direito e nosso presado amigo.

Pela correcção do seu porte, por a lhanesa do seu trato e ainda pela afabilidade das suas maneiras, Joaquim Gandra tinha conquistado a estima publica, motivo porque a sua morte sendo egualmente sentida, produziu na vila a mesma manifestação de pezar que é costume vêr-se quando desaparece alguem com predicados identicos aos do saudoso funcionario de justiça.

A's familias enlutadas apresenta *O Democrata* a expressão das suas condolencias.